

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO – IESF
DIRETORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM

JOSILENE DE SOUSA BASTOS
MARIA DE JESUS DA SILVA VILAR CAMPOS

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE USUÁRIOS DOS CENTROS DE TESTAGEM E
ACONSELHAMENTO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO LUÍS – MARANHÃO COM
SOROLOGIA POSITIVA PARA O HIV**

Paço do Lumiar – MA

2020

JOSILENE DE SOUSA BASTOS
MARIA DE JESUS DA SILVA VILAR CAMPOS

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE USUÁRIOS DOS CENTROS DE TESTAGEM E
ACONSELHAMENTO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO LUÍS – MARANHÃO COM
SOROLOGIA POSITIVA PARA O HIV**

Artigo Científico apresentado ao curso de Enfermagem do Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF) como forma conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Me. Rafael Mondego Fontenele

Paço do Lumiar – MA

2020

A mente que se abre a uma nova ideia jamais
voltará ao seu tamanho original.

Albert Einstein.

AGRADECIMENTOS

Josilene Bastos.

Cinco anos se passaram e muitos desafios foram superados. Hoje agradeço primeiramente a Deus, que por muitas vezes chorei, tive medo e pensei que não iria suportar, mas a tua fidelidade me mostrou ao longo dessa trajetória que sou capaz. Agradeço aos meus pais que sempre me conduziram no caminho do bem, me dando lições de dignidade, humanidade e perseverança, eles mesmo quilômetros de distância enxugaram por diversas vezes minhas lágrimas e me impulsionaram a ultrapassar meus obstáculos, vencer dificuldades e sonharam comigo meu sonho. Ao meu professor/orientador, Rafael Mondego minha eterna gratidão, por todos os ensinamentos, incentivos, por me apresentar esse mundo de pesquisa, e fazer eu acreditar que posso ser um bicho evoluído. E agradeço a todos os meus outros professores, que sem seus ensinamentos eu não teria chegado até aqui. Aos meus Filhos, José Neto e Anny Caroline que são a razão de tudo isso, e toda a minha família e amigos que sempre estiveram me apoiando todos esses anos. Meu muito obrigada.

Maria de Jesus.

Muitos momentos foram vividos durante 5 anos, desafios foram superados e conquistados. Ao fim desse ciclo, sou grata a Deus por ter me concedido saúde, força, por ter me conduzido no caminho certo, durante toda essa jornada e ainda por ter me dado a oportunidade de conhecer novos laços de amizade que serão levadas para a vida. Agradeço a minha mãe pelo incentivo e apoio. A minha amiga e parceira de pesquisa Josilene por seu apoio na construção e realização deste trabalho e a todos os meus amigos que me incentivaram a realiza esse sonho. Agradeço os ensinamentos dos meus professores durante toda a graduação em especial ao meu orientador Rafael Mondego o qual me ensinou a acreditar que posso ser um bicho evoluído e que tenho grande respeito, admiração e gratidão. Ao meu esposo Cassio Roberto por ter estado do meu lado me dando apoio nos momentos difíceis e incentivado quando foi necessário, pela sua compreensão e inesgotável paciência durante toda essa trajetória.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE USUÁRIOS DOS CENTROS DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO LUÍS – MARANHÃO COM SOROLOGIA POSITIVA PARA O HIV

Josilene de Sousa Bastos¹
Maria de Jesus da Silva Vilar Campos²
Rafael Mondego Fontenele³

RESUMO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um vírus sexualmente transmissível e responsável por produzir a síndrome da imunodeficiência adquirida, representando um importante problema de saúde pública no mundo. O objetivo deste estudo foi descrever o perfil epidemiológico de usuários dos centros de testagem e aconselhamento da rede municipal de São Luís – MA com sorologia positiva para o HIV no ano de 2019. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, retrospectiva, com abordagem quantitativa dos dados. A amostra final foi constituída de 237 prontuários de pacientes com diagnóstico positivo para o HIV. Os resultados evidenciaram homens, solteiros, com idade entre 30 e 49 anos, de cor parda e com até 12 anos de estudo, residentes na zona urbana e com apoio da família. Em relação à infecção pelo HIV a maioria se contaminou em relações sexuais desprotegidas e mantém o comportamento de risco, mesmo após diagnóstico da infecção, expor o parceiro sexual ao vírus em relação sexual sem preservativo. Concluiu-se que apesar das orientações dos Centros de Testagem e Aconselhamento, há um importante comportamento de saúde propenso ao risco como atividade sexual com múltiplos parceiros e desprotegida. Há informações ignoradas ou subnotificadas que podem comprometer a descrição do perfil epidemiológico dos usuários deste serviço em virtude do preenchimento inadequado das fichas de atendimento.

Descritores: HIV, Sorologia para HIV, Perfil de Saúde

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF USERS OF THE CENTERS OF TESTING AND ADVICE OF THE MUNICIPAL NETWORK OF SÃO LUÍS- MARANHÃO WITH POSITIVE HIV SEROLOGY

ABSTRACT:

The Human Immunodeficiency Virus (HIV) is a sexually transmitted virus and responsible for producing the acquired immunodeficiency syndrome, representing an important public health problem in the world. The objective of this study was to describe the epidemiological profile of users of testing and counseling centers in the municipal network of São Luís - MA with positive HIV serology in 2019. It was a descriptive, retrospective study, with a quantitative approach to the data. The final sample consisted of 237 medical records of patients diagnosed with HIV. The results showed men, single, aged between 30 and 49 years, brown in color and with up to 12 years of study, living in the urban area and with family support. Regarding HIV infection, most were contaminated in unprotected sex and maintain the risk behavior of, even after diagnosis of the infection, exposing the sexual partner to the virus in sexual intercourse without a condom. It was concluded that despite the guidelines of the Testing and Counseling Centers, there is an important health behavior prone to risk as sexual activity with multiple partners and unprotected. There is ignored or underreported information that may compromise the description of the epidemiological profile of the users of this service due to the inadequate completion of the attendance forms. It is suggested the standardization of data collection in the act of interviews in the entire health network in the city of São Luís - MA, to better meet the needs of this clientele.

Descriptors: HIV, HIV Serosorting, Health Profile

¹Acadêmica de Enfermagem da Faculdade IESF. E-mail: josilenysousa@yahoo.com.br.

²Acadêmica de Enfermagem da Faculdade IESF. E-mail: mariacamposje@hotmail.com.

³Mestre em Gestão de Programas e Serviços de Saúde (UniCEUMA): fhaelmondego@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A expansão da epidemia de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) na década de 80 trouxe consigo a possibilidade de realização de exames sorológicos para diagnóstico da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) a um número crescente de pessoas (GRECO, 2016).

Inicialmente foi caracterizada como uma doença de “grupos de risco” onde se destacavam Homens que faziam Sexo com Homens (HSH), profissionais do sexo, usuários de drogas, indivíduos transfundidos por sangue e hemoderivados. Posteriormente, após as reivindicações desses segmentos populacionais, a dimensão social da epidemia trouxe mudanças a seu perfil, embora a disseminação do vírus tornou-se contraditória no decorrer dos anos, uma vez que o perfil de pessoas infectadas mudou, envolvendo todas as classes da sociedade civil (ARAÚJO et al., 2010).

Este fato levou um grande número de profissionais de saúde a enfrentar as questões relacionadas à realização do teste HIV e seus desdobramentos, de acordo com o seu resultado, exigindo cada vez mais a implementação de programas de saúde e pessoal capacitado desde o atendimento na realização dos testes como o aconselhamento para medidas de prevenção (BRASIL, 2009).

No Brasil, os exames sorológicos para detecção de anticorpos do HIV foram recomendados, inicialmente, em triagem de sangue para transfusões ou para fracionamento e produção de hemoderivados, para triagem dos doadores de órgãos e sêmen, para determinar a prevalência da infecção na comunidade e para confirmar o diagnóstico das diferentes formas clínicas da doença. Esses exames foram, então, disponibilizados para uso na rotina dos bancos de sangue em meados de 1987 e nos serviços de referência para tratamento dos doentes de AIDS, em seguida, começou a ser estimulada a criação, em nível nacional, de Centros de Orientação e Apoio Sorológico (COAS), os quais se constituíram em modalidade alternativa de serviço de saúde, devendo oferecer a possibilidade de sorologia para o HIV em base gratuita, confidencial e anônima (BRASIL, 1999).

Com o amadurecimento da discussão por volta da década de 1990, em virtude do acesso à Terapia Antirretroviral (TARV), o sentido do aconselhamento se deslocou do plano assistencial para ações de prevenção e detecção do HIV. Tal

enfoque foi impulsionado pela criação dos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) sob os princípios da confidencialidade, o consentimento informado e o aconselhamento, embasados pelas leis orgânicas da saúde (LOAS) e pelos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (MORA; MONTEIRO; MOREIRA, 2015).

Tendo em vista a importância da realização dos testes rápidos para rastreamento da população com HIV e as ações de prevenção e aconselhamento, a presente pesquisa teve como objetivo descrever o perfil epidemiológico de usuários dos centros de testagem e aconselhamento da rede municipal de São Luís-MA com sorologia positiva para o HIV no ano de 2019.

2 MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, retrospectiva, com abordagem quantitativa dos dados. A pesquisa foi realizada nos Centros de Testagem e Aconselhamento, situados em São Luís, Maranhão. As unidades realizam atendimento diários tendo uma média de 18 testes realizados por dia, de segunda a sexta-feira, com uma média de 2.160 atendimentos por mês cada unidade, perfazendo um total de 6.480 atendimentos nas três unidades, apresentando uma média aproximada de 612 testes positivos anuais.

Foi realizado um levantamento dos prontuários de pacientes com sorologia positiva para o HIV. Foram incluídos na pesquisa todos os prontuários de pacientes maiores de 18 anos, de ambos os sexos, atendidos no período de janeiro a dezembro de 2019, com sorologia positiva para o HIV no primeiro teste. Foram excluídos do estudo os prontuários incompletos ou insuficientemente preenchidos e aqueles que apresentaram rasuras que puderam contribuir para o confundimento da amostra. A população foi constituída por todos os prontuários com sorologia positiva para o HIV no período predeterminado. A amostra final foi de 237 prontuários com sorologia positiva para o HIV, considerando o nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, obtida a partir do cálculo amostral.

A coleta de dados foi precedida das seguintes etapas: a) Seleção dos prontuários a partir dos critérios de inclusão e exclusão; b) Preenchimento de formulário de coleta de dados. Para a coleta de dados foi utilizada a ficha de

atendimento do Centro de Testagem e Aconselhamento publicada no ano de 2019 e obtida a partir dos arquivos do Ministério da Saúde.

A análise dos dados obtidos foi realizada através de dupla digitação em banco de dados no programa Microsoft Excel 2016, por meio da estatística descritiva apresentada em forma de gráficos e/ou tabelas com dados de frequências relativas e absolutas.

O presente estudo ofereceu riscos mínimos, uma vez que o instrumento de coleta de dados utilizado, foi mediante técnica e método retrospectivo, verificados a partir dos dados fornecidos pelos prontuários sem interferência em variáveis físicas ou psíquicas dos participantes investigados. A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa de nº 4.133.882 de 03 de julho de 2020.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisados um total de 452 prontuários nas três unidades de testagem e aconselhamento de pacientes com sorologia positiva para o HIV, sendo denominadas de Unidade 1, Unidade 2 e Unidade 3 para garantir o anonimato dos participantes incluídos no estudo. Na Unidade 1 foram analisados 145 prontuários, e descartados 67. Na Unidade 2 foram analisados um total de 124 prontuários e descartados 38. Na Unidade 3 foram analisados um total de 183 prontuários e descartados 110. Os prontuários descartados não foram utilizados devido conter erros de preenchimento que gerariam vieses no procedimento de análise.

3.1 Perfil dos pacientes com sorologia positiva para HIV

Os dados que caracterizam o perfil dos pacientes com exame positivo para o HIV no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2019 foram agrupados na Tabela 1 para melhor compreensão dos achados obtidos mediante a apresentação do sexo, faixa etária, raça/cor, estado civil, escolaridade, situação habitacional, tipo de moradia e situação familiar.

Tabela 1. Perfil epidemiológico dos pacientes com sorologia positiva para o HIV.
São Luís - Maranhão, 2020.

Variáveis		(n)	(%)
Sexo	Masculino	159	67
	Feminino	78	33
Faixa Etária	18 a 29 anos	99	42
	30 a 49 anos	110	46
	50 a 69 anos	27	11
	Maior que 69 anos	1	1
Raça/Cor	Branca	36	15
	Preta	46	19
	Parda	130	56
	Amarela	3	1
	Ignorados	22	9
Estado Civil	Solteiro (a)	168	71
	Casado (a)	36	15
	Separado (a)	5	2
	União Estável	23	10
	Viúvo (a)	2	1
	Ignorados	3	1
Escolaridade	Nenhuma	11	5
	Até 9 anos de Estudo	52	22
	Até 12 anos de Estudo	104	43
	Até 17 anos de Estudo	61	26
	Ignorados	9	4
Situação Habitacional	Zona Urbana	226	95
	Zona Rural	11	5
Tipo de Moradia	Casa	200	84
	Apartamento	19	8
	Casa de Apoio	2	1
	Morador de Rua	2	1
	Ignorados	14	6
Situação Familiar	Reside com a Família	188	80
	Reside Sozinho	22	9
	Reside com Amigo	10	4
	Ignorados	17	7
Total		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Pode-se observar na Tabela 1 que houve prevalência do sexo masculino com 67% (n=159). Dado semelhante foi destacado no estudo de Ferreira (2015) realizado em uma Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas Parasitárias Especiais (URE DIPE), localizada na cidade de Belém-PA, onde foram analisados 312 prontuários em novembro de 2014 e com relação ao sexo, também houve um predomínio de homens (63,8%). Segundo boletim epidemiológico de 2019, ainda há mais casos de HIV/AIDS entre homens do que entre as mulheres (BRASIL, 2019).

Foi observado, neste estudo, que a faixa etária mais acometida pelo HIV/AIDS foi compreendida no intervalo de 30 a 49 anos com 46% (n=110). Com relação a essa variável o estudo de Pereira et al (2017), realizado no Centro de Testagem e Aconselhamento e Serviço de Atendimento Especializado (CTA/SAE) e Vigilância Epidemiológica de Caxias- MA, mostrou resultado semelhantes, onde as faixas etárias mais prevalentes foram entre 30 e 49 anos, totalizando 54,5%.

Em relação à raça, nota-se o predomínio da cor parda com 56% (n=130). O estudo de Santos et al (2019) realizado no Centro de Testagem e Aconselhamento e Serviço de Atendimento Especializado CTA/SAE, no município de São Mateus-ES analisou 207 prontuários entre os anos de 2012 a 2016, com prevalência para a cor/raça parda (47,9%). Todavia, diverge de outro estudo realizado em um CTA no município de Alfenas-MG, no período de agosto de 2007 a junho de 2008. Que encontraram uma prevalência na cor branca, com (50%), essas diferenças retratam a miscigenação racial nas diferentes regiões brasileiras (VILELA, 2010).

De acordo com o estado civil 71% dos usuários são solteiros (n=168). Resultado similar foi encontrado no estudo de Deienno et al (2010), cujo estudo foi realizado no Serviço de Atenção Especializada (SAE) de Campos Elíseos-SP, entre abril e junho de 2006 e foram entrevistados 540 indivíduos, destes 73% eram solteiros, validando assim, os dados encontrados no presente estudo.

Sobre a escolaridade, houve uma prevalência de 43% com até 12 anos de estudo (n=104). Divergindo do estudo de Brito et al (2014) realizado no SAE e Centro de Especialidades Médicas de Aracaju (CEMAR), no período de 2007 a 2012. A amostra foi composta por 1.202 prontuários e mostrou que o nível de escolaridade predominante foi o ensino fundamental incompleto (34,1%).

Neste estudo constatou-se a predominância de pessoas com HIV/AIDS vivendo na zona urbana, com 95% (n=226), assemelhando-se aos achados de Santos et al (2019) realizado no SAE de Petrolina-PE, no período entre 2010 a 2014, cuja análise de 331 prontuários, constatou que 89,4% desses usuários viviam na zona urbana, enquanto 10,6% viviam na zona rural.

Quanto ao tipo de moradia, 84% residem em casas (n=200). Em contraposição o estudo de Soares (2008) averiguou a caracterização de três casas de apoio aos portadores de HIV/AIDS em Ribeirão Preto-SP, duas dessas casas atendem a população adulta, e a terceira atende crianças. Ao total são disponibilizadas 68 vagas, destas 44 estavam ocupadas. De acordo com o levantamento feito pelo referido estudo umas dessas casas é mantida exclusivamente por uma entidade religiosa, com a maioria dos funcionários trabalhando de forma voluntária, as demais eram mantidas por uma entidade assistencial. Estimou-se que o tempo de permanência nessas moradias foi em torno de 9 anos.

Ainda em relação à moradia, 80% (n=188) desses pacientes residem com a família, todavia se assemelha ao estudo de Botti et al (2009), realizado em um Ambulatório Municipal de Doenças Sexualmente Transmissível de Maringá-PR através de entrevistas com 07 familiares de pessoas com diagnóstico positivo de HIV em 2006. O estudo evidenciou que na maioria das vezes são as mulheres, sendo elas, mães, esposas, que assumem a responsabilidade do cuidado desses pacientes, e que por diversas vezes na tentativa de cuidar se sentem impotentes, sem forças por ficarem sozinhas, sem poder compartilhar essas informações com outros membros da família e amigos por medo do preconceito.

Optou-se por elaborar a Tabela 2 com variáveis que, com base na perspectiva do autocuidado, podem representar comportamento de risco para contato, exposição e risco de infecção pelo vírus HIV como o número de parceiros sexuais, característica que destaca o tipo de exposição ao vírus, consciência sobre o uso de preservativos antes e após o diagnóstico positivo para a infecção e o consumo de álcool e outras drogas lícitas e ilícitas, bem como a orientação sexual e tipo de parceiros sexuais.

Tabela 2. Características de provável comportamento de risco. São Luís - Maranhão, 2020.

Variáveis		(n)	(%)
Número de Parceiros Sexuais	1	50	21
	2 a 5	63	28
	6 a 10	24	10
	11 a 20	8	3
	Maior que 20	8	3
	Ignorados	84	35
Tipo de Exposição ao Vírus	Relação Sexual Desprotegida	210	89
	Rompimento do Preservativo	4	2
	Seringas ou Agulhas	3	1
	Não Souberam Relatar	11	5
	Ignorados	9	3
Uso de Preservativos Antes da Infecção	Sempre	6	3
	Não Usou	55	23
	Ocasional	155	65
	Ignorados	21	9
Uso de Preservativos Após a Infecção	Sempre	45	19
	Não Usou	22	9
	Ocasional	70	30
	Ignorados	100	42
Consumo de Álcool	Sim	143	60
	Não	94	40
Consumo de Outras Drogas	Lícitas	25	11
	Ilícitas	30	13
	Não faz Uso	182	76
Orientação Sexual	Heterossexual	124	52
	Bissexual	23	10
	Homossexual	90	38
Tipo de Parceiro Sexual	Só Homens	159	67
	Só Mulheres	52	22
	Homens e Mulheres	26	11
Total		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Com relação ao número de parceiros sexuais no último ano, 35% (n=84) foram informações ignoradas. O segundo valor mais hegemônico teve uma prevalência de 28% (n=63) de 2 a 5 parceiros sexuais no último ano. Schneider (2008) evidenciou em estudo realizado nos 14 CTA's de Santa Catarina- SC no ano de 2005, com 22.846 indivíduos que a frequência de parceiros sexuais para as mulheres foi de um parceiro, já para os homens a média foi em torno de 2 a 10 parceiros sexuais. Portanto, aproximando-se dos achados deste estudo. Entretanto,

tal dado de forma isolada não é o suficiente para determinar a vulnerabilidade desses usuários, devendo-se levar em consideração a história sexual ao longo da vida.

Quanto ao tipo de exposição ao vírus, a relação sexual desprotegida teve um total de 89% (n=210). Corroborando com os achados de Moura (2017), em pesquisa realizada no município de Passos-MG, onde foram analisados 112 prontuários em um ambulatório escola do serviço de referência regional, atendidos no período de janeiro de 2012 a maio de 2016. Após as leituras dos prontuários pode-se observar nos relatos dos pacientes que a maioria deles não fazia o uso do preservativo por confiarem no parceiro ou por não ter disponível no momento do ato sexual.

Na variável uso de preservativo antes da infecção pelo HIV 65% (n=155) desses usuários fazia ocasionalmente o uso do preservativo. A pesquisa de Carvalho (2018), realizada em uma Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas e Parasitárias Especiais (URE-DIPE), no estado do Pará, entre os períodos de janeiro a abril de 2012 em 153 prontuários, aponta que 76,16% desses usuários não usavam preservativo antes da infecção pelo HIV/AIDS, em divergência com o presente estudo, pois o mesmo aponta 65% desses usuários usar ocasionalmente o preservativo durante as relações sexuais.

Mesmo sendo encontrado um número elevado de ignorados ao uso do preservativo após o diagnóstico com um total de 42% (n=100), ainda chama a atenção o percentual de 30% (n=70), de usuários que usam ocasionalmente o preservativo, mesmo sabendo da sua condição sorológica. Na mesma proporção o estudo de Jequitinhonha (2011), realizado em Diamantina-MG, entre os anos de 1995 a 2008 mostrou um percentual de 78,9% de ignorados após a análise dos prontuários. Cabe destacar que esse dado foi negligenciado por muitos profissionais durante o acompanhamento desses pacientes na ficha de atendimento e prontuário.

No que se refere ao consumo de álcool o estudo ressalta que 60% (n=143) desses pacientes faz uso. Achado semelhante pode ser observado no estudo de Pereira et al (2014) realizado no Centro de Testagem e aconselhamento- CTA, entre os anos de 2007 a 2011 em Feira de Santana-BA. Utilizando os dados de 3.768 pacientes, extraídos do sistema de informação do CTA (SI-CTA), encontraram cerca de 60% desses usuários fazendo uso de álcool.

Quanto ao uso de outras drogas o presente estudo aponta que 76% (n=182) desses usuários não faz uso. Houve também um predomínio com 90,9% desses pacientes sem fazer o uso dessas substâncias no estudo de Nascimento et al (2018) desenvolvido no CTA do Hospital Municipal de Maracanaú-CE entre julho de 2016 e junho 2017.

Neste estudo a orientação sexual mais frequente correspondeu às relações heterossexuais com 52% (n=124) em ambos os sexos. Na pesquisa de Trindade et al (2019) realizado em Montes Claros-MG também houve prevalência da heterossexualidade em 48,4% dos dados coletados.

Na população estudada, observou-se que o tipo de parceiro sexual, predominante, foi com homens com 67% (n=159). Dados correlativos foram encontrados no estudo de Pires et al (2020) com 138 prontuários de uma URE DIPE em Belém-PA entre 2016 a 2018, evidenciando o mesmo tipo de parceria sexual em 58% da amostra.

Na Tabela 3 evidencia-se o seguimento terapêutico dos pacientes diagnosticados com HIV no município de São Luís – Maranhão, a partir dos dados de acompanhamento ambulatorial, uso regular da terapia antirretroviral, paciente encaminhado de outra unidade e diagnóstico diferenciado.

Tabela 3. Adesão ao tratamento e acompanhamento com serviço especializado e Doenças secundárias. São Luís - Maranhão, 2020.

Variáveis		(n)	(%)
Regularidade na Consulta	Assíduo	152	64
	Não Assíduo	85	36
Regularidade na Terapia Antirretroviral	Sim	152	64
	Não	85	36
Paciente Encaminhado de Outra Unidade	Sim	67	28
	Não	170	72
Diagnóstico Secundário	Sífilis	80	33
	Hepatite B	5	2
	Hepatite C	1	1
	Tuberculose	6	3
	Toxoplasmose	26	11
	Citomegalovírus	27	12
	Outros	15	6
Total	Ignorados	77	32
		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Observa-se na Tabela 3 que 64% (n=152) dos pacientes seguem a regularidade do tratamento ambulatorial, bem como no estudo de Gonçalves et al (2012) que mostrou que 72,6% desses pacientes comparecem as consultas com regularidade em uma pesquisa realizada a partir dos dados de 215 usuários, disponíveis na Divisão de Vigilância Epidemiológica de Teresópolis-RJ diagnosticados no período de 2000 a 2010.

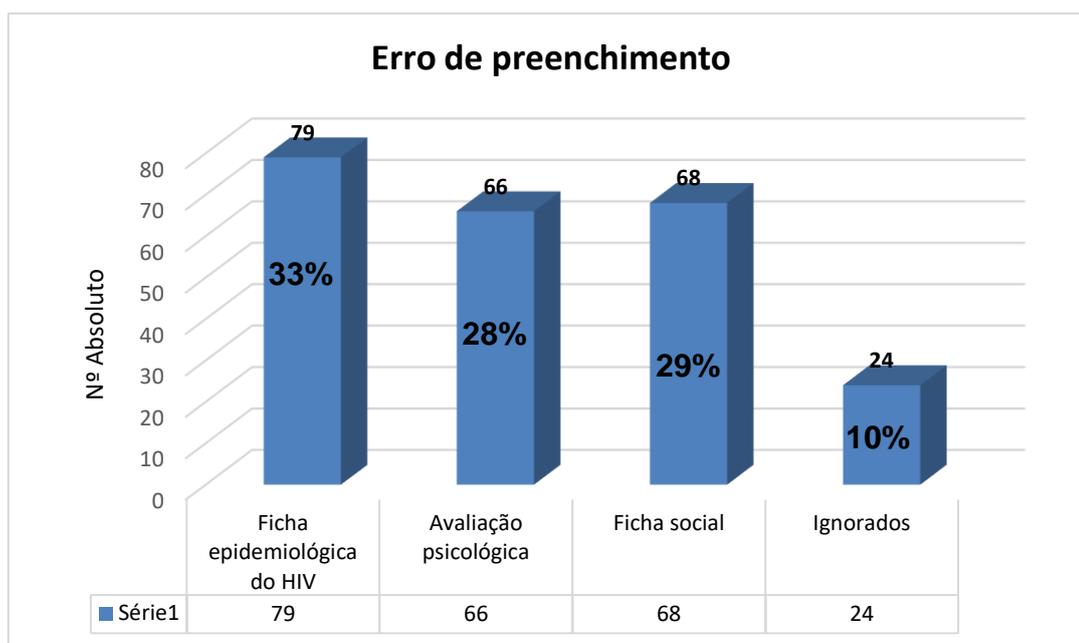
No que concerne o uso da Terapia Antirretroviral o presente estudo identificou 64% (n=152) desses pacientes em uso regular. Este achado segue de acordo com o estudo de Remor (2017), realizada em um Ambulatório de Infectologia do Hospital Regional São José Dr. Homero de Miranda Gomes (HRSJ) em São José-SC, no período correspondente de outubro de 2013 a abril de 2014. A amostra teve 54 pacientes entrevistados, destes 92,6% dos pacientes faz uso regular de TARV. Onde revela ainda que o tratamento antirretroviral é de fundamental importância, pois com o uso correto se diminui consideravelmente a carga viral.

A maioria dos usuários procurou o serviço espontaneamente sendo um total de 72% (n=170), e somente 28% (n=67) desses usuários foram encaminhados de outras unidades. Em consonância com o presente estudo Silva (2016) após a verificação de 156 prontuários de mulheres na faixa etária entre 15 a 50 anos com diagnóstico positivo para o HIV nos anos de 2011 a 2012, essas informações foram extraídas do banco de dados do Sistema de Informação do CTA do município de Canoas-RS e apontou que 62,8% dessas pacientes procuraram o serviço de referência de forma espontânea. Com relação ao tipo de encaminhamento o presente estudo observou que em sua maioria os pacientes eram encaminhados de outras unidades de saúde, ações sociais realizadas em bairros, bem como, de outros municípios.

No que tange ao diagnóstico secundário o mais prevalente foi o de sífilis com 33% (n=80). Estudo que mostrou predomínio também nesse quesito foi o realizado no Complexo de Doenças Crônicas Transmissível da Secretária de São José do Rio Preto- SP, a partir da análise de 161 fichas ambulatoriais registradas no momento das consultas. A coleta de dados foi entre maio e setembro de 2018 (OLIVEIRA et al., 2019).

Os itens ignorados apresentados na presente pesquisa traduzem as inconsistências no preenchimento da ficha de atendimento do Centro de Testagem e Aconselhamento, conforme evidenciado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Erros no preenchimento da ficha de atendimento do Centro de Testagem e Aconselhamento. São Luís - Maranhão, 2020.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2020.

No Gráfico 1 é possível perceber que o principal erro de preenchimento é a ficha epidemiológica do HIV com 33% (N=79), pois foi evidenciado que muitos dos profissionais deixavam campos em branco. Neste caso, os pesquisadores tiveram que procurar essas informações a partir da leitura completa dos prontuários e na ficha de notificação compulsória.

O estudo de Souza et al (2011) realizado no CTA de Belo Horizonte-BH teve como principal objetivo relatar as divergências e dificuldades no preenchimento do formulário SI-CTA, versão 2005, no período de janeiro a dezembro de 2009. A pesquisa evidenciou que os principais erros de preenchimento estão nos campos de encaminhamento pós-teste, uso de drogas, recorte populacional e legenda de resultados. A partir dos estudos, foi possível constatar as falhas, e dificuldades nos preenchimentos dessas informações que são essenciais para a continuidade da assistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante dos esforços do poder público, relacionados a campanhas e ao dia D contra AIDS, ainda é crescente os números de pessoas acometidas pelo vírus.

O contágio ainda ocorre pela cultura do comportamento de risco traduzida pelo não uso do preservativo nas relações sexuais, visto que essa ainda é a maior forma contaminação.

Quanto às limitações do presente estudo, cabe mencionar que houve falhas no preenchimento das fichas epidemiológicas, pois apresentou um número considerável de ignorados em algumas variáveis. A ausência dessas informações pode gerar a subnotificação dos casos, repercutindo no quadro real das necessidades dessa população e interferindo em ações a eles direcionadas. Por fim, é fundamental que haja comprometimento dos profissionais da saúde quanto ao total preenchimento dessas fichas.

Diante disso, concluiu-se que há necessidade de uma padronização desse serviço em toda rede de saúde do município de São Luís- MA, para melhor atender as necessidades dessa clientela, e com isso disponibilizar ações de políticas públicas em benefício à assistência dessas pessoas que convivem com o HIV/AIDS.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. L. F; COSTA, L. P. M; SCHILKOWSKY, L. B; SILVA, S. M. B. Os centros de testagem e aconselhamento (CTA) no município do Rio de Janeiro e o acesso ao diagnóstico do HIV entre a população negra: uma análise qualitativa. **Saúde Soc. São Paulo**, v.19, supl.2, p.85-95, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2010.v19suppl2/85-95>. Acesso em 01 fev 2020.

BRASIL. **Diretrizes dos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA: manual** / Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cta.pdf. Acesso em 25 jan 2020.

BRASIL. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Recomendações para o funcionamento dos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) do estado de São Paulo. **Rev Saúde Pública**; v. 43, n. 2, p. 383-6, 2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rsp/v43n2/IT-SES.pdf. Acesso em 25 jan 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. HIV/AIDS **Boletim epidemiológico**, Brasília, dez. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>. Acesso em 10 nov. 2020.

BRITO, Fabiana Guimarães et al. Perfil epidemiológico de portadores do vírus da imunodeficiência humana e síndrome da imunodeficiência adquirida no estado de Sergipe, 2007-2012. **Interfaces Cien Saude Ambient**, v. 2, p. 59-71, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/193164247.pdf>. Acesso em 12 nov. 2020.

BOTTI, Maria Luciana et al. Convivência e percepção do cuidado familiar ao portador de HIV/AIDS. **Rev. enferm. UERJ**, p. 400-405, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/int-1601> Acesso em 19 nov. 2020.

CARVALHO, Alôma Cecília et al. Perfil epidemiológico de casos de HIV-1 atendidos em um serviço de atenção secundária em Belém-PA no período de janeiro a abril de 2012. **Pará Research Medical Journal**, v. 1, n. 2, p. 0-0, 2018. Disponível em: <https://prmjournal.org/journal/prmj/article/doi/10.4322/prmj.2017.018>. Acesso 13 nov. 2020.

DEIENNO, Marylei Castaldelli Verri et al. Perfil dos usuários do serviço de aconselhamento no serviço de assistência especializada em DST/Aids Campos Elíseos, município de São Paulo, Brasil. **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista (Online)**, v. 7, n. 74, p. 13-22, 2010. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-42722010000200003&lng=p&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 11 nov. 2020.

DOS REIS FERREIRA, Tereza Cristina; DE SOUZA, Ana Paula Costa; JÚNIOR, Roberto Sena Rodrigues. Perfil clínico e epidemiológico dos portadores do HIV/AIDS com coinfeção de uma unidade de referência especializada em doenças infecciosas parasitárias especiais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 13, n. 1, p. 419-431, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5168617>. Acesso em: 10 de nov. de 2020.

DOS SANTOS, Nády Thalita Novaes et al. Perfil epidemiológico de casos HIV/Aids cadastrados em Serviço Ambulatorial Especializado. NTN dos Santos, SP Costa, FECVF Silva, L Dias - periodicos.unb.br 2019. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rqs/article/download/23323/20942> Acesso em 12 nov. 2020.

DOS SANTOS, Giselle Caran et al. Perfil epidemiológico de pessoas vivendo com HIV/AIDS em um município no interior do estado do Espírito Santo, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 21, n. 1, p. 86-94, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/rbps/article/download/26472/18212>. Acesso 16 nov. 2020.

DO JEQUITINHONHA, Vale. Perfil epidemiológico dos pacientes com hiv/aids no alto vale do Jequitinhonha, 1995-2008. **Rev Med Minas Gerais**, v. 21, n. 1, p. 14-18,

2011. Disponível em: [file:///C:/Users/josil/Downloads/v21n1a04%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/josil/Downloads/v21n1a04%20(2).pdf). Acesso 13 nov. 2020.

GRECO, D. B. Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015. **Ciência & Saúde Coletiva**; v. 21, n. 5, p. 1553-1564, 2016. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csc/v21n5/1413-8123-csc-21-05-1553.pdf. Acesso em 25 jan. 2020.

GONÇALVES, Záfia R. et al. Perfil epidemiológico dos pacientes HIV positivo cadastrados no município de Teresópolis, RJ. **DST j bras doenças sex transm**, v. 24, n. 1, p. 9-14, 2012. GONÇALVES, Záfia R. et al. Perfil epidemiológico dos pacientes HIV positivo cadastrados no município de Teresópolis, RJ. **DST j bras doenças sex transm**, v. 24, n. 1, p. 9-14, 2012. Disponível em: <http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/303/2018/02/r24-1-2012-5.-Perfil-Epidemiologico-dos-Pacientes-HIV-Positivo-Cadastrados-no-Municipio-de-Teresopolis.pdf> Acesso em: 18 nov. 2020.

MORA, C; MONTEIRO, S; MOREIRA, C. O. F. Education, practices and paths of counselors at HIV testing centers in Rio de Janeiro, Brazil. **Interface (Botucatu)**; v. 19, n. 55, p. 1145-56, 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/icse/v19n55/1807-5762-icse-1807-576220140609.pdf. Acesso em 02 fev. 2020.

MOURA, Josely Pinto de; FARIA, Michele Rodrigues de. Caracterização e perfil epidemiológico das pessoas que vivem com HIV/Aids. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 5214-5220, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/bde-33845>. Acesso 13 nov. 2020.

NASCIMENTO, Edcarla Barroso et al. PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES SOROPOSITIVOS PARA HIV NO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO EM UM HOSPITAL MUNICIPAL DE MARACANAÚ. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 3, n. 2, p. 57-63, 2018. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/2497>. Acesso em 17 de nov. de 2020.

OLIVEIRA, Thais de et al. Perfil epidemiológico e características de coinfeções associadas às pessoas soropositivas. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-11], 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-1049691> Acesso 20 nov. 2020.

PEREIRA, Bianca de Souza et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 747-758, 2014. Disponível <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n3/747-758/pt/>. Acesso: 17 nov. 2020

PEREIRA, Beatriz Pereira Mourão et al. Estudo epidemiológico de pacientes com infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/Síndrome da Imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS), CAXIAS-MA. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 4, p. 132-141, 2017. Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1227>. Acesso em 10 nov. 2020.

PIRES, Carla Andrea Avelar et al. Aspectos clínicos e epidemiológicos de pacientes com coinfeção HIV/sífilis atendidos em um centro de referência/Clinical and epidemiological aspects of patients with HIV/syphilis co-infection treated at a reference center. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 7635-7653, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/12814> acesso em: 18 de nov. de 2020.

REMOR, Karina Valerim Teixeira et al. Adesão aos antirretrovirais em pessoas com HIV na grande Florianópolis. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 46, n. 2, p. 53-64, 2017. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/269>. Acesso 19 nov. 2020.

SCHNEIDER, Ione Jayce Ceola et al. Perfil epidemiológico dos usuários dos Centros de Testagem e Aconselhamento do Estado de Santa Catarina, Brasil, no ano de 2005. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 1675-1688, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2008.v24n7/1675-1688/pt/> Acesso: 13 nov. 2020.

SILVA, F.L. da; BIZAND, D. Caracterização Sociodemográfica de Mulheres HIV positivas atendidas no Centro de Testagem e aconselhamento do município de Canoas- RS. **Rev. Saúde .com** 2016. Disponível em : <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/410>. Acesso 24 nov. 2020

SOUZA, Vânia de; CARDOSO, Joice Silva Rodrigues; NAHASS, Juliana Dias Paes. Sistema de informação dos centros de testagem e aconselhamento: dificuldades, divergências e padronização no preenchimento. **REME rev. min. enferm**, p. 530-538, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-617444>. Acesso 20 nov. 2020.

SOARES, Marisley Vilas Bôas; FORSTER, Aldaísa Cassanho; SANTOS, Manoel Antonio dos. Caracterização das Casas de Apoio a portadores de HIV/Aids em Ribeirão Preto (São Paulo, Brasil) e suas práticas de administração. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 24, p. 169-180, Mar. 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000100013&script=sci_arttext&tIing=pt Acesso 19 nov. 2020.

TRINDADE, Felipe Ferraz et al. Perfil epidemiológico e análise de Tendência de HIV/AIDS/Epidemiological profile and trend analysis of HIV/AIDS/Perfil epidemiológico y análisis de tendencia del HIV/SIDA. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 1, p. 153-165, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3394> Acesso em 18 de nov. 2020.

VILELA, Maraisa Pimenta et al. Perfil epidemiológico dos usuários do Centro de Testagem e Aconselhamento de Alfenas, Minas Gerais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: https://projetos.extras.ufg.br/fen_revista/v12/n2/pdf/v12n2a15.pdf. Acesso em 10 nov. 2020.